

## As raízes do Agrarianismo Negro

Por Owusu Bandele e Gail Myers

*“Ah wakuh muh monuh kambay  
yah lee luh lay kambay yah lee luh lay tambay.”*

“Venham todos, juntem-se e vamos trabalhar arduamente juntos;  
A campa ainda não está concluída; que o coração dele fique perfeitamente em paz”

Esta canção é celebrada pelas mulheres Mende em cerimónias fúnebres no sul da Serra Leoa. Uma mulher, que esteve entre a leva de mulheres Africanas que foram trazidas para a América no século XVIII, acabou na Geórgia e reteve a canção em sua memória. A avó de Mary Moran, Amélia, ensinou-lhe a canção enquanto ela crescia na comunidade de Gullah Geechee, nas Ilhas Marítimas da Geórgia. A “*Canção da Amélia*”, falada na língua nativa Mende, foi preservada por mais de dez gerações. O documentário *Na Língua em que Choras*, reconta esta notável história. No filme, a família Moran faz uma viagem histórica de volta à Serra Leoa, para se reconectar com as mulheres que ainda celebram a canção em cerimónias fúnebres. Quando perguntado porque é que a bisavó da Amélia preservaria esta canção e passá-la para as gerações seguintes, uma anciã Mende respondeu:

Esta canção seria a coisa mais valiosa que ela pode levar com ela. Poderia reconectá-la aos seus antepassados e à bênção contínua destes. Você sabe quem uma pessoa realmente é pela linguagem em que chora.<sup>1</sup>



*Sandra Simone (de chapéu branco) trabalha com membros da Rede Sudeste Afro-Americana de Agricultores Orgânicos (SAAFON) nas Ilhas Virgem. Foto cortesia de Terry Hayes da SAAFON*



*Joseph Field, membro da SAAFON, faz uma visita guiada na sua fazenda na Carolina do Sul. O terreno do Joseph pertence à sua família há mais de um século. Foto cortesia de Terry Hayes da SAAFON*

Assim como na canção Mende, as raízes agrárias Africanas têm sobrevivido através de uma ligação profunda e duradoura com a terra. Actualmente, existem Africanos na América que estão enraizados em terrenos pertencentes às suas famílias há mais de 150 anos. Muitos proprietários agrícolas Negros estão com dificuldades em manter a posse das suas terras, de manter as suas raízes agrárias e a memória de valores comunitários acerca da posse de terra e do cuidar da natureza. Existem, nos Estados Unidos, agricultores e proprietários Africanos que ainda sobrevivem, como na “Canção da Amélia”, mas que se encontram ameaçados por um Sistema Alimentares e agrícola hostil, políticas governamentais discriminatórias, e uma evolução rápida no desenvolvimento rural e urbano.

A sabedoria agrária africana é um reconhecimento da conexão entre o natural e o espiritual. Nas sociedades Africanas, existe um respeito estrito pela preservação, conservação e regeneração do solo, água, e a eco-cultura local da vida.<sup>2,3</sup> As sociedades africanas criaram narrativas culturais através da preservação de elementos naturais, de forma a que os humanos e outro tipo de vida possam co-existir de forma simbiótica. Este sistema de crença ecológica sobreviveu nas Américas, mesmo sob as condições mais duras de escravatura. Ao perguntar a um ancião de uma aldeia no Suriname, porque é que o seu povo presta tal adoração a uma árvore e porque é que as pessoas trazem oferendas ao algodoeiro selvagem, um etnobotânico obteve esta resposta:

O facto de não haverem igrejas, de não existirem lugares próprios para a adoração pública, como existem na costa da Guiné, e sendo esta árvore a maior e mais bela que aqui cresce, o nosso povo reúne-se sob os seus ramos aquando de serem instruídos e defendidos por ela de chuvas torrenciais e do sol tórrido. Sob esta árvore o nosso sacerdote ministra palestras, e por esta razão o nosso povo não a cortará, seja por qual razão for... considerando um sacrilégio cortá-la com um machado; de tal forma, que mesmo o medo de punição não os levará a deitá-la abaixo.<sup>4</sup>

A mitologia africana, mitos originais, e práticas espirituais todos veneram a centralidade da natureza. As Histórias de árvores, de animais, pássaros, da flora, e outros elementos naturais, provêm da preservação e conservação do relacionamento entre humanos e o ambiente. Além disso, o pensamento ecológico Africano utiliza a terra como parte do ritual em como respeitar o espírito. Estas expressões ritualísticas que representam uma visão do mundo eco-espiritual foram imbuídas no dia-a-dia das vidas de Africanos escravizados, e impactou as suas crenças acerca da agricultura, do alimento, da família e da floresta.<sup>5</sup>

## **Sabedoria, Sementes contrabandeadas, e Tecnologias duradouras**

O conhecimento agrário, as culturas agrícolas, e a tecnologia dos africanos tiveram um efeito profundo na agricultura e produção de alimentos no mundo inteiro. Algumas das frutas, vegetais e ervas mais importantes, que foram transportadas tanto por escravos Africanos como pelos seus captosres, incluíram: ackee, arroz africano, inhame africano, amendoim de Bambara, melão amargo, feijão frade, café (arabica), noz-de-cola, pimenta Malagueta, melão musk, quiabo, ervilha d'angola, roselle (hibisco), sésamo, sorgo, milho da Guiné, tamarindo, amaranto vegetal e melancia.<sup>6</sup> O arroz tem um história bastante única. Erroneamente, os Europeus ganharam o crédito de terem introduzido a cultura e tecnologia para cultivar o arroz, na África. Só a partir do século XX é que este equívoco foi corrigido.

De acordo com a história oral, escravos Africanas trouxeram, escondidos no seu cabelo trançado, quiabo e sementes de arroz para as Américas. Estas culturas eram essenciais para as pessoas de descendência africana. De fato, o feijão-frade, o quiabo, e especialmente o arroz, tiveram todos efeitos profundos na cultura e cozinha das Américas. Estas culturas não só foram essenciais para o desenvolvimento dos Estados Unidos, representado hoje em locais tais como as Ilhas Marítimas da Carolina do Sul, como os agricultores, pescadores, e engenheiros Africanos também alteraram a paisagem dos canais aquáticos. Hoje em dia, estas alterações contribuem para a sustentabilidade ambiental dos recursos aquíferos, nutrindo a paisagem ecológica e contribuindo para o desenvolvimento da indústria turística. O artista internacional Jonathan Green da região de Gullah Geechee, descreve:

Imaginem serem trazidos para cá acorrentados. Eles não faziam ideia onde estavam. Àquela altura, o estado inteiro estava completamente coberto de plantações. Cobras mocassins, cascavéis, jacarés. A floresta era densa. Não se via a luz do sol. Agora pode-se ver a beleza da Carolina do Sul. A cultura do arroz desenvolveu a economia. O dinheiro proveniente do arroz...os Africanos transformaram e criaram uma eco-cultura para os observadores de aves. Pessoas vêm de todo o lado para observar e caçar aves aqui. Anteriormente, isto não teria sido possível, visto as Ilhas estarem cobertas por florestas muito densas, e repleta de ciprestes. Estes preservaram os terrenos e formaram os habitats de observação e caça de aves. O crédito pela criação destes ecossistemas nunca foi atribuído aos Negros.<sup>7</sup>

Que a mão-de-obra Africana construiu riqueza nas Américas, isto está bem documentado. Contudo, a

contribuição Africana para a tecnologia agrícola tem sido muitas vezes minimizada. Os Africanos foram os botânicos e biólogos originais. Acredita-se que a domesticação de plantas teve início nos planaltos da Etiópia. A perícia em irrigação e o primeiro uso da engenharia hidráulica constituiu a base para o desenvolvimento da civilização Egípcia, ao longo do rio Nilo.<sup>8</sup> É também atribuído aos egípcios da Antiguidade, a invenção do machado, da enxada e do arado, e de estes terem um conhecimento extensivo das propriedades medicinais das plantas. Mas de modo algum, a tecnologia agrícola esteve apenas limitada ao Antigo Egipto ou ao Norte de África. Os agricultores da África tropical também contribuíram para uma vasta panóplia de técnicas agrícolas.<sup>9</sup>

O conhecimento agrário e as culturas africanas constituíram a base para a riqueza não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil. Ainda que a introdução do cultivo do arroz no Hemisfério Ocidental, seja normalmente associada com a sua chegada à Carolina do Sul em 1670, este já era cultivado no Brasil aproximadamente um século antes.<sup>10</sup> Três quartos dos escravos trazidos para o Brasil entre 1548 e 1560, eram originários da Senegambia, uma região de cultivo de arroz situada na África Ocidental. O cultivo do arroz era visto como uma cultura comercial e de subsistência, sendo um alimento importante para os Quilombolas, os quais escaparam à escravatura.

Jonathan Green descreve a habilidade dos produtores de arroz Africanos que chegaram mais tarde à Carolina do Sul: "Toda a terra foi mexida por pessoas só usando cestos de verga. Elas moveram terra, maior que a Grande Muralha da China, e maior em volume do que as pirâmides."<sup>11,12</sup>

### **A Perseverança do Agrarianismo Africano**

De fato, foram estas raízes agrárias que tornaram os Africanos tão valiosos para o desenvolvimento do capitalismo supremacista branco nas Américas. Atualmente, essas mesmas raízes agrárias continuam a ser a essência da sobrevivência das comunidades Africanas agrárias. Green e outros agricultores de Gullah Geechee que foram entrevistados, mencionaram o desaparecimento da cultura, mas ambos concordam que as soluções residem em manter uma certa raiz agrária, especialmente dentro de um sistema de propriedade coletiva, baseado na terra. Hoje em dia, os proprietários Negros encontram-se numa luta desesperada para manter as suas terras, e as comunidades de Gullah e Geechee representam a esperança de uma conexão entre o reclamar das nossas raízes agrárias Africanas e ao mesmo tempo a preservação de formas de cultura e comida de base Africana.



*Sandra Simone da Fazenda Huckleberry Hills no Alabama.  
Foto cortesia de Natasha Bowens.*

No Sul, as raízes Africanas agrárias não estão, contudo, limitadas à área Gullah Geechee. Sandra Simone, por exemplo, é dona e gerencia a fazenda de Hucleberry Hills, localizada em Talladega, no Alabama, a qual faz parte da sua família já há mais de 140 anos. O bisavô de Simone, do lado da mãe, John Easley, o qual ela chama carinhosamente de “o Africano” adquiriu o terreno durante a década de 1860 (Simone 2016)<sup>13</sup>. Easley era originário de Moçambique, mas nunca foi escravizado. Ele trabalhou em embarcações de transporte e acabou por ir para o Alabama. De acordo com o tio-avô de Simone, Sippe Easley, filho de John Easley, o pai dela adquiriu mais de 2000 acres, parte dos quais era terreno privilegiado situado perto de um lago.

Simone é o único membro da família que ainda trabalha na terra. Ela tinha-se mudado do Alabama, e não planejava retornar. Contudo, quando em uma reunião de família por lá, o seu agora falecido marido, Harold Burke, encorajou-a a fazer o contrário: “Eu sei que nunca foi meu, o plano de voltar e viver no Alabama, e sobretudo de viver no campo, mas o meu marido falou comigo, quase que pregou acerca do valor da terra, a importância do que o meu bisavô fez e conseguiu alcançar, e o que é que significou para os Afro-americanos manterem-se ligados à terra, de parar de vender os seus terrenos...isso fez-me acordar.” Simone é atualmente uma agricultora orgânica e membro fundadora da Rede Sudeste Afro-Americana de Agricultores Orgânicos (SAAFON). “Agora eu sei que adoro isto, e estou tão grata por estar aqui. Eu agradeço ao Criador e agradeço aos meus antepassados e espero que eles me guiem para o que é suposto eu fazer.”<sup>14</sup>

Muitos Africanos das Américas são um povo ainda bastante ligado à terra, mesmo após gerações e gerações de exploração e tortura nas plantações. Incrivelmente, estes foram capazes de adquirir áreas de cultivo

substanciais, apesar de muito desse terreno ter sido perdido. Após a escravatura, muitos Africanos adquiriram terras que eram parte de ex-plantações, reivindicando-as como suas (Joyner 1992). De acordo com um relatório de 1971 acerca da posse de terrenos por Afro-Americanos nas Ilhas Marítimas da Carolina do Sul, entre 10 a 15 anos antes da publicação do mesmo “quase todas as Ilhas Marítimas, majoritariamente localizadas nos distritos de Beaufort e Charleston, com algumas situadas em Jasper e Colleton, pertenciam a Afro-Americanos.”<sup>15</sup> Por volta de 1960, a maioria das grandes propriedades Afro-Americanas com 100 ou mais acres estavam perdidas. A significância histórica destes distritos é o fato de que estes continham a maioria do território para escravos liberados, autorizado pela Ordem 15 do General Sherman. Esta ordem autorizou a transferência de cerca de 400,000 acres de terras ao longo da costa marítima da Carolina do Sul, da Geórgia, da Flórida, e das Ilhas Marítimas, divididas em parcelas de 40-acres, por cada família Africana. Apesar dos títulos de posseção nunca terem sido confirmados pelo Congresso, parcelas mais pequenas foram adquiridas por Africanos quando as plantações abandonadas foram vendidas pelos comissários de imposto federal durante a parte final da Guerra Civil e durante a era da Reconstrução.

Parte da área cultivada incluída na Ordem de Terreno do General Sherman, continua a ser ainda hoje central nas lutas pela terra. Após o Congresso ter falhado em aprovar a Ordem, a proprietária Margaret Harris deixou a sua terra, localizada nesta área, a ex-escravos Africanos. A área tornou-se conhecida como “Harris Neck,” e cerca de 75 famílias que viviam lá tornaram-se os proprietários legítimos da mesma.<sup>16</sup>

Anos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, estas famílias foram expropriadas das suas terras quando o governo federal usou o seu poder para confiscar o terreno de Harris Neck com o intuito de construir uma pista de aterragem. Setenta e cinco famílias foram desalojadas de mais de 2600 acres de terreno. Mais tarde, este foi entregue ao Departamento da Administração Interna, que o converteu no Refúgio Nacional de Vida Selvagem.

Desde então, que os residentes têm travado uma batalha contínua para retomar a terra. Em 2006, estes formaram o Instituto da Terra de Harris Neck para reivindicar as terras. Tais como tantas outras comunidades afro-americanas proprietárias de terrenos, as famílias de Harris Neck continuam a lutar corajosamente pela sua terra e integridade.

Enraizados nas ‘sementes’ dos princípios agrários Africanos de conservação e preservação do solo e água, os agricultores Afro-americanos tais como as famílias de Harris Neck, mantêm uma ligação ininterrupta de sabedoria ambiental e baseada na terra, a qual os guia na forma de

administrar e gerir as terras. A medicina tradicional sobreviveu, a fundição de ferro, técnicas de pesca unididades da África Ocidental, são ainda praticadas nas comunidades de Gullah Geechee.<sup>17</sup> O isolamento das Ilhas Marítimas, e as competências necessárias para negociar a posse de terras, as semelhanças linguísticas dos Africanos que se juntam para habitar essas Ilhas, depois da escravatura - estas raízes agrárias e padrões linguísticos facilitam a sobrevivência da “Canção da Amélia”.

### **Carver e Whatley: As Sementes da sua Sabedoria Ainda Estão a Criar Raiz**

Enquanto lutam para manter a posse de terra e saber, os Afro-Americanos retiram inspiração de dois líderes, que têm desenvolvido novas ‘raízes’ para as tradições agrárias Afro-Americanas: o Dr. George Washington Carver e o Dr. Booker T. Whatley. Suas ideias e pesquisas representam uma base desconhecida agrícola, ligado a um legado Afro-Americano que continua a contribuir para o sistema mundial agrícola.

Estes dois cientistas tinham muito em comum: ambos de origens humildes, tiveram que ultrapassar grandes obstáculos num país racista e opressivo, e ambos valorizaram o papel da educação. O Dr. Carver nasceu filho de uma mãe escrava, por volta de 1864. Ele concluiu o mestrado da Universidade Estatal do Iowa em 1896 (e recebeu várias graduações honorárias de doutorado). O Dr. Whatley nasceu em 1915, e cresceu em uma fazenda em Anniston, no Alabama durante a era de Jim Crow. Ele concluiu Bacharelado de Ciências da Universidade A&M no Alabama (uma universidade pública tradicionalmente negra em 1890 e doutorado na universidade de Rutgers).

Ambos os professores alcançaram grandeza por terem dedicado as suas vidas à luta dos agricultores afro-americanos que foram injustiçados, e que sofreram discriminação por viverem num sistema agrícola americano racista.

As recomendações de Carver ajudaram a criar a fundação para o que são hoje os movimentos agrícolas orgânicos e sustentáveis. Inicialmente, devido à sua formação agronómica na Universidade de Iowa, Carver defendeu o uso de fertilizantes comerciais, mas o alto preço destes impossibilitou que os agricultores pobres afro-americanos pudessem usar. Muitas das práticas que Carver defendeu são hoje os pilares da produção orgânica.<sup>18</sup> Estas incluem rotação de culturas, cultivos de cobertura, estrume de animal usado como fertilizante, compostagem, e análise de água e solo.

O Dr. Whatley foi muitas vezes referido como um “guru de pequenos agricultores” e é lembrado pelo seus planos de agricultura de pequena-escala, muitas vezes referidos como “Plano de Tuskegee”. Tal como Carver, Whatley defendeu a implementação de sistemas de cultivo diversificados, de forma a torná-los mais ecologicamente sustentáveis. Suas ideias foram resumidas no seu livro *Como Converter \$100 000 25 Acres Agrícolas*.<sup>19</sup> As recomendações do Dr. Whatley incluíram: a implementação de sistemas de plantação diversificados, a criação de apiários, e o uso do sistema de U-Pick para reduzir custo da mão-de-obra laboral durante a colheita. Por todo o país, vários agricultores incorporaram algumas destas ideias nas suas operações agrícolas.

Juntos, os dois professores desenvolveram uma rede de discípulos que continuam a espalhar a sua visão de um sistema agrícola sustentável que seja inclusivo e equitável.

### **Conclusão**

Pelo Sul inteiro, agricultores Afro-Americanos continuam a manter e a enriquecer uma herança agrícola que está profundamente enraizada em valores que estão em harmonia com a natureza e um estilo de vida sustentável. Os Proprietários e agricultores da comunidade de Gullah Geechee, os quais possivelmente representam as últimas raízes sobreviventes intactos deste tipo de agrarianismo, são particularmente emblemáticos desta luta. Estas comunidades, as quais estão profundamente enraizadas na terra, têm preservado Africanismos tais como a canção Mende, a pesca de rede, a tradição de cestaria, e o amor pela natureza, só para nomear alguns exemplos. Agricultores de Gullah Geechee e outros agricultores Afro-americanos continuam a inspirar-se nos seus antepassados Africanos, e também a olharem para os seus antecessores Afro-Americanos - tais como Carver e Whatley - que continuam a ser fontes de inspiração. Agricultores Negros de costa a costa personificam os vários ramos das raízes agrárias, cheios de esperança para uma nova geração. Estas raízes fluem directamente para África. Estas são, de facto, raízes bastante profundas.



*Cynthia Hayes, co-fundadora da SAAFON, cujo legado de agricultura sustentável e agrarianismo negro se reflete nas ‘paisagens’ através dos Estados Unidos. Foto cortesia de Terry Hayes da SAA-FON.*

## Notas de Rodapé:

- 1 California Newsreel. "The Language You Cry In" Acessado em 10 de Fevereiro de 2016. <http://newsreel.org/video/THE-LAN-GUAGE-YOU-CRY-IN>
- 2 Burnham, Owen e Aliou Diatta. African Wisdom. (London: Piaktus Publishers. 2000)
- 3 Mbiti, John. Introduction to African Religion (Long Grove, IL: Waveland Press.1991)
- 4 Grimé, William Ed. Ethno-Botany of the Black Americans. (Algonac, MI: Reference Publications, Inc. 1979)
- 5 Ibid.
- 6 Bandele, Owusu "Food Crops, Exchange of Between Africa and the Americas" na The Sage Encyclopedia of African Cultural Heritage in North America: Volume 1 1. ed. Mwalimu J. Shujaa and Kenya J. Shujaa (California: Sage Publications, Inc., 2015), 406-409
- 7 Green, Jonathan. 2016. Entrevista pessoal por Gail Myers, 24 de Fevereiro.
- 8 Bandele, Owusu "Food Cultivation" na The Sage Encyclopedia of African Cultural Heritage in North America: Volume 1. ed. Mwalimu J. Shujaa e Kenya J. Shujaa (California: Sage Publications, Inc., 2015), 409-413
- 9 Estes incluem plantação em montes elevados para evitar humidade excessiva em áreas mais húmidas; plantar em terraços para reduzir a erosão; aplainar e plantar no topo de cupinzeiros que costumavam ser terrenos férteis; uso de composto, adubo, e cinzas para aumentar a fertilidade do solo; uso de árvores vivas para suportar videiras; podar árvores para permitir a entrada de luz que beneficie culturas tolerantes à sombra e que estejam plantadas debaixo destas; ajustar o espaço entre plantas de forma a reduzir competição entre plantas vizinhas diferentes; preservação de árvores úteis, quando a terra é limpa para fins agrícolas; identificar quais as culturas que toleram humidade excessiva assim como as que toleram secas; obter cobertura apropriada para reduzir a erosão do solo; uso de leguminosas para aumentar o nível de nitrogénio nos solos; e aplicar um sistema de rotação de culturas para maximizar o uso de terreno e de nutrientes.
- 10 Carney, Judith, " " 'With Grains in Her Hair': Rice in Colonial Brazil," Slavery and Abolition 25:1 (2004) : 1-27 acessado em 18 de Fev. de 2016 <http://www.sscnet.ucla.edu/geog/downloads/594/33.pdf>
- 11 Green, Jonathan. 2016. Entrevista Pessoal por Gail Myers, 24 de Fevereiro
- 12 Ferguson, Leland. Uncommon Ground: Archaeology and Early African America,1650-1800. (Washington, DC. Smithsonian Institution Press. 1992)
- 13 Simone, Sandra. 2016. Entrevista Pessoal por Owusu Bandele. 21 de Fevereiro
- 14 Ibid.
- 15 Centro de Pesquisa Negro de Economia, Só Only Six Million Acres: The Decline of Black Owned Land in the Rural South. Apendíce E (1973) acessado em 7 de Março de 2015. Federação de Cooperativas do Sul website. <http://www.federationsoutherncoop.com/files%20home%20page/Only%206%20Million%20Acres/Only%20>
- 16 Harris Neck Land Trust, "Chronology" acessado em 21 de Fevereiro de 2016 <http://www.harrisnecklandtrust1.xbuild.com/#/history/4529751661>
- 17 Goodwine, "Queen Quet" Marquette. Gullah/Geechee: Africa's Seeds in the Wind of the Diaspora, Volume VL Cha'stun an E Islandts. (Charleston, SC. Kinship Publications. 2006)
- 18 Bandele, Owusu "The Deep Roots of Our Land-Based Heritage; Cultural, Social, Political and Environmental Implications" In Land and Power: Sustainable Agriculture and African Americans. ed. Jeffrey Jordan, Edward Pennick, Walter Hill e Robert Zabawa (Waldolf, MD: SARE publicação, 2009), 79-92
- 19 Whatley, Booker T. How to Make \$100,000 Farming 25 Acres (Emmaus, PA, Rodale Press, 1987).

## Sobre os autores:

Dr. Owusu Bandele é professor emérito do Centro Agronómico da Universidade do Sul e co-fundador da Rede Sudeste Afro-Americana de Agricultores Orgânicos (SAAFON).

Dr. Gail Myers é uma antropóloga cultural, organizadora comunitária, educadora, e jardineira ávida. Ela fundou a empresa Farms to Grow Inc., e o Mercado dos Agricultores Livres em Oakland, CA.

## Sobre esta edição especial:

Este Briefing é o quarto de uma série escrita por vários autores intitulada “Desmantelando o Racismo nos Sistemas Alimentares.” Nesta série, procuramos revelar as bases estruturais do racismo no sistemas alimentares e enaltecer de que forma as pessoas, comunidades, organizações e movimentos sociais estão a desmantelar as atitudes, instituições e estruturas que mantêm o racismo presente. O Instituto Food First está convencido que para acabar com a fome e a má nutrição temos de acabar com as injustiças nos sistemas alimentares. Desmantelar as injustiças do racismo nos sistemas alimentares, nos movimentos alimentares, nas nossas organizações e entre nós mesmos é fundamental para transformar o nosso Sistemas Alimentares e a nossa sociedade.

O Instituto Food First convida autores, que estão envolvidos em investigação e ação comunitária com o intuito de desmantelar o racismo nos sistemas alimentares, a contribuírem para este tópico. Há vários aspectos incluídos neste tema, os quais incluem a posse de terra, a mão-de-obra, a economia, o acesso à alimentação, a nutrição, a justiça alimentar e as organizações que lutam por uma maior soberania alimentar.

Food First é um “think tank das pessoas” dedicado a acabar com as injustiças que causam a fome e procura ajudar comunidades a retomarem o controlo dos seus sistemas alimentares. Nós desenvolvemos a nossa missão através de três áreas que estão interrelacionadas – investigação, educação, e ação- pensadas para promover um ativismo cidadão informado, que atue junto de instituições e políticas que controlam a nossa alimentação.

[www.foodfirst.org](http://www.foodfirst.org)

398 60th Street, Oakland, CA 94618, USA

Tel: 510.654.4400



# Desmantelando o racismo nos Sistemas Alimentares